

UNIDADE 3

LEITURA E O FAZER BIBLIOTECONÔMICO COMO FORMAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL

4.1 OBJETIVO GERAL

Levar o aluno a identificar a importância da leitura como instrumento na formação e inclusão social do indivíduo, percebendo que a formação crítica do cidadão também passa pela compreensão das vozes que se apresentam no debate social, em especial no texto escrito.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta unidade, você seja capaz de:

- a) estabelecer relações entre a inclusão social e cultural e o processamento interno e externo das informações adquiridas;
 - b) descrever o fazer biblioteconômico como promotor da inclusão social.
-

4.3 LEITURA E INCLUSÃO SOCIOCULTURAL

Já vimos que as relações dialógicas auxiliam na reflexão dos trabalhos de interpretação, compreensão, transformação e imersão no texto, por parte do leitor. Para *Bakhtin* (2010, p. 47), o dialogismo é um fenômeno “que penetra toda a linguagem humana”, ou seja, tudo aquilo que tem sentido e importância.

Por que esse destaque para a relação dialógica do leitor com o texto lido? Porque toda vida humana constitui material de trabalho para a arte literária. Nossas paixões, medos, crenças, dúvidas, desejos, disputas são temas dos textos literários, que também refletem o discurso em circulação na sociedade em determinado tempo e espaço, recorte por excelência da representação histórica das relações humanas. A perfeita relação entre o atemporal (sentimentos e emoções humanas) e o retrato do comportamento de determinado momento na história da humanidade.

Já vimos que a decodificação do código linguístico por si só não constitui o indivíduo alfabetizado, ou seja, apenas a exposição constante à leitura garantirá a plena cidadania, pelo conhecimento e sentimento de pertença ao universo social em que esse indivíduo está inserido, em especial nos tempos atuais.

Nas palavras de *Bakhtin* (2010, p. 358):

A obra e o mundo nela representado penetram no mundo real, enriquecendo-o, e o mundo real penetra na obra e no mundo representado, tanto no processo da sua criação como no processo subsequente da vida, numa constante renovação da obra e numa percepção criativa dos ouvintes-leitores. (BAKHTIN, 2010, p. 358).

Esse movimento cíclico de troca dialógica entre a leitura (literatura) e a sociedade favorece o trabalho social da leitura, pois sabemos que, nesse enfoque do conteúdo arquetípico das obras literárias, todas as histórias humanas já foram contadas diversas vezes, vivendo em contínua atualização, narrando a condição humana de grandes perdas, conquistas, os altos e baixos da vida, fugas, transgressões, vitórias, fracassos, mortes e renascimentos. Todos os símbolos repetidos e continuamente trazidos em cada texto lido.

Se os símbolos são constantes, o que muda no trabalho biblioteconômico? A maneira como a obra literária e a informação circulam na sociedade atual. A vida moderna está sob influência da chamada revolução da informação, que propõe mudar a forma como são percebidas questões importantes para nossa vida social, como educação, trabalho, lazer, cultura e até a organização da sociedade e do governo, pela mudança de percepção de tempo, espaço e conhecimento.



A tecnologia da informação trouxe diferentes ferramentas e políticas de divulgação sobre o que ocorre no mundo. O homem é bombardeado com informações de todos os tipos, sobre todos os assuntos, por diferentes meios de comunicação. Um ditado corrente diz que “informação é poder”, o que, de fato, faz sentido num momento da história da humanidade em que as necessidades pessoais e profissionais exigem que se lide, diariamente, com uma avalanche de informações, numa escala crescente, que entremeia e perpassa todas as atividades cotidianas. A informação é, assim, o mais poderoso combustível dos tempos atuais. A era digital traz um desdobramento da vida humana que agora se divide entre o que é real e o que é virtual.

Figura 16 – O conceito de inclusão social refere-se a pessoas que não possuem as mesmas oportunidades na sociedade, seja por questões de gênero, raça, religião, devido a condições socioeconômicas ou outras



Fonte: Wikimedia Commons¹⁶

A revolução informacional influencia ações e desencadeia eventos (DERTOUZOS, 1997), e o conceito de inclusão social refere-se ao envolvimento de pessoas excluídas ou, em linhas gerais, de pessoas que não possuem as mesmas oportunidades na sociedade, independentemente dos diferentes motivos que levaram a essa exclusão, sejam eles por questões de gênero, raça, religião, condições socioeconômicas, entre outras. Inclui-se aqui a exclusão digital, falta de acesso às novas tecnologias, que atualmente é uma das formas mais eficientes de provocar a exclusão social.

A chamada *e-inclusão* (ou inclusão numérica, ou digital) refere-se ao conjunto de ações e políticas que visa estabelecer uma sociedade da informação e do conhecimento inclusiva e não exclusiva. No entanto, para que tenham sucesso nessa empreitada, os programas de *e-inclusão* devem ser desempenhados de forma integrada e articulada, levando em consideração um dos componentes fundamentais para o sucesso, que é a sustentabilidade.

¹⁶ WIKIMEDIA COMMONS. SanteriViinamäki. **Chess racism 2 (Racism against black)**. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Chess_racism_2_\(Racism_against_black\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Chess_racism_2_(Racism_against_black).jpg). Acesso em: 8 dez. 2018.

A inclusão social passa pela competência de leitura. A atualidade traz uma supervalorização do descartável, dos interesses imediatos, do virtual. A realidade virtual, por sua vez, traz falsas imagens, falsas autoimagens, num tempo de máscaras onde o que se vê não é exatamente o que se vê. Dessa forma, o conhecimento daquilo que é real constitui-se, ao mesmo tempo, em uma luz que projeta sombra, apresentando-nos o paradoxo de que nada é o que se percebe à primeira vista.

Jung (1996, p. 53) já previa que “falar algo importante sobre o homem civilizado de hoje é uma das tarefas mais difíceis e ingratas que se pode imaginar [...]”. Isso porque vivemos num momento onde imperam as relações virtuais, com a abundância de recursos tecnológicos como facilitadores das atividades de seleção, processamento, recuperação e disseminação da informação. O que se percebe é que os últimos séculos presenciaram um extraordinário progresso científico e tecnológico, com ênfase no empirismo e no controle dos eventos naturais. Porém, esse mesmo período vem evidenciando a ingênua crença progressista como insustentável, porquanto estamos presenciando, também, guerras nefastas e suas desastrosas consequências.

Para *Crema* (1989), essa ambiguidade ocorre pelo fato de, certamente, não ter ocorrido uma correspondente evolução ética-psíquica-espiritual. A evolução do ser humano não se deve a uma mecânica causal, mas a esforços conscientes, dentro de uma perspectiva de ação e responsabilidade. A evolução humana é uma evolução da consciência, “representando uma árdua conquista em nada parecida com o fruto de um confortável decreto da Natureza” (CREMA, 1989, p. 24-25), ou com a realidade virtual que construímos para que possamos desfilarmos com as máscaras do que se deseja, mas não daquilo que se é de fato.

Há necessidade de um caráter reestruturador do cultural e do político na sociedade atual, sem o qual a inclusão não ocorre. Esse caráter reestruturador refere-se a uma transição de valores culturais que envolvam uma mudança profunda dos pensamentos, da percepção e dos valores que compõem uma determinada visão da realidade, convidando a uma transição conceitual, valorativa e atitudinal.

A fragmentação como que se instalou no homem nesta era digital de informação, onde tudo parece verdadeiro, mas não é. Entretanto, não podemos esquecer que toda fragmentação é criação da mente analítica do homem, ainda que tudo o que exista seja expressão de uma unidade fundamental, implicando que todas as coisas sejam similares.

Vivemos num mundo de contrastes – luz e sombra, crescimento e decadência. A sociedade, assim como o indivíduo, traz em si todas as diferenças e opostos, numa infinidade de relacionamentos. Os opostos são polos essenciais à manifestação, na qual um não poderia existir sem o outro. Nosso sistema binário de refletir, entretanto, exige que algo seja isto ou aquilo, estipulando tudo em categorias distintas. O que pode ser mais excludente do que essa distinção e categorização?



Figura 17 – Entender-se a si mesmo como uma ilha de percepção



Fonte: Flickr¹⁷

O ser humano tem o hábito inconsciente de se separar, enquanto sujeito, de tudo o mais que o cerca, entendendo-se a si mesmo como uma ilha de percepção separada e isolada. Esse posicionamento torna fácil a exclusão, permitindo a rapidez com que frequentemente se julga e se categoriza aquilo que não está em consonância com a sua particular percepção do que é verdadeiro. A era virtual de informação auxilia nesse processo de separatismo e exclusão. A vida que não se encaixa no “modelo” determinado como o padrão aceitável do comportamento social, transforma-se na vida virtual que se compartilha com o mundo (literalmente), por meio das redes sociais e de outras tecnologias de divulgação de informações, sejam elas pessoais ou coletivas.

Nesse mundo dinâmico, governado pelo princípio universal do movimento, onde nada permanece inalterado, o homem sente a necessidade de acompanhar o fluxo da corrente da vida, sendo flexível, adaptável. Às vezes, ficamos agudamente conscientes da necessidade de crescimento e mudança ao enfrentarmos uma crise, após a qual não podemos permanecer como éramos.

Em um mundo onde a realidade virtual está tão entremeadada com a realidade “real”, o anseio pela transformação interna, por uma sensação de completude, que é ontológico, renasce no indivíduo que busca soluções para o excesso de fragmentação encontrado nas relações sociais e na relação consigo mesmo. O que se constata é que esse caminho de transformação não ocorre sem o auxílio da educação, em um processo que prescinde do trabalho com a leitura para trazer luz às sombras da ilusão da separatividade.

¹⁷ FLICKR. David Ingram. **Isolation**. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/dingatz/8219989409>. Acesso em: 8 dez. 2018.

4.4 A LEITURA COMO INSTRUMENTO NA FORMAÇÃO SOCIAL

Na Europa do século XVIII prevaleciam as ideias de que a educação da criança deveria ser voltada aos interesses do adulto e da vida adulta. O educador *Rousseau* queria combatê-las, introduzindo a concepção de que a criança é um ser com características próprias em suas ideias e interesses e que não deveria, portanto, ser vista como um adulto em miniatura.

Contrário à concepção então vigente de que a educação é o processo pelo qual a criança adquire conhecimentos, atitudes e hábitos armazenados pela civilização, sem transformá-los, *Rousseau* traz a ideia de que cada fase da vida possui características próprias, ou seja, tanto o homem como a sociedade se modificam e a educação é o elemento fundamental e necessário para adaptação a essas modificações.

Esse conceito de um mundo que se modifica continuamente retira da educação o caráter, preconizado na época, de preparação para a vida. Para *Rousseau*, a vida prepara para a vida. A verdadeira educação não vem de fora, mas da expressão livre da criança no seu contato com a natureza e, ousamos acrescentar, no seu contato com a sociedade e o mundo, em constante transformação.



Explicativo

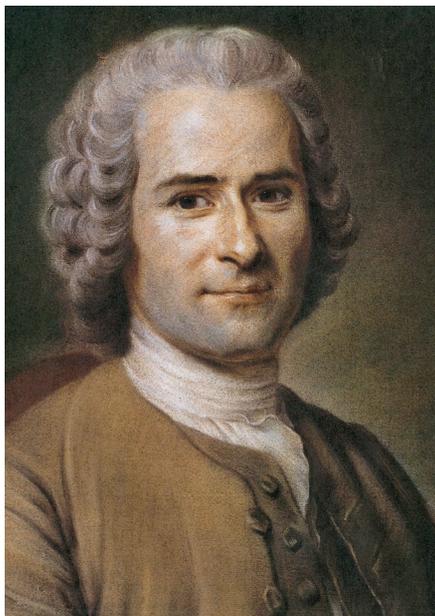
ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou Da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Nesse conceito, *Rousseau* propôs serem trabalhados com a criança, o brincar, a linguagem, o canto, entre outros elementos que ele considerava instrumentos de variados ofícios, vinculando o conhecimento a uma utilização prática e cotidiana que levaria a criança a medir, contar, pesar, desenvolvendo, assim, conteúdos e informações relacionados à vida e aos seus interesses.

Semestre

7

Figura 18 – *Jean-Jacques Rousseau* nasceu em Genebra, Suíça (1712-1778), deixando várias obras, das quais se destacam: *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens*; *Do contrato social* e a obra romaneada *Emílio ou Da educação*, publicada em 1762



Fonte: *Wikipédia*¹⁸

Para *Rousseau*, a verdadeira finalidade da educação era ensinar a criança a viver e a aprender a exercer a liberdade. Dizia que “viver” era o que desejava ensinar às crianças para que, quando saíssem de suas mãos, não fossem magistrados, soldados ou sacerdotes, mas que fossem, antes de tudo, seres humanos.

Seguindo essa mesma premissa de educar para a vida, e não para a profissão, *Decroly*, outro pensador de destaque na educação, estabeleceu o conceito de que a necessidade gera o interesse e só este leva ao conhecimento. Para ele, as crianças apreendem o mundo com base em uma visão do todo, podendo organizá-lo, posteriormente, em partes que darão ordem ao caos. Ou seja, ao invés de um conhecimento isolado de sílabas e letras, a aprendizagem da leitura seria mais frutífera se baseada em atividades de associação de significados e discursos completos. Um conhecimento evoca o outro e assim por diante, numa metodologia denominada por *Decroly* de caráter global da vida intelectual.

¹⁸ WIKIPÉDIA. Maurice Quentin de La Tour. **Jean-Jacques Rousseau**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Jacques_Rousseau#/media/File:Jean-Jacques_Rousseau_\(painted_portrait\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Jacques_Rousseau#/media/File:Jean-Jacques_Rousseau_(painted_portrait).jpg). Acesso em: 8 dez. 2018.

Figura 19 – O médico *Ovide Decroly* nasceu na Bélgica (1871-1932), iniciando seu trabalho na educação com crianças com deficiência mental. Na transição da medicina para a educação criou uma disciplina chamada Pedotecnia, cujo enfoque eram as atividades pedagógicas dirigidas ao conhecimento da evolução física e mental das crianças



Fonte: *Wikimedia Commons*¹⁹

Em um verdadeiro trabalho inclusivo, *Decroly* acredita que o educador deve estar atento para que cada trabalho da criança seja uma real expressão de seu pensamento, sem cópias, sem predefinição. Sem padronização imposta por critérios indefinidos, cada criança pode ser o que realmente é.

Maria Montessori também acreditava e defendia o respeito às necessidades e interesses de cada criança. Embora muitos já tenham ouvido falar do método montessoriano, associado corretamente à educação infantil, a verdade é que talvez uma boa parcela dos educadores não o conheça profundamente.

Figura 20 – *Maria Montessori* (1870-1952) foi a primeira mulher a se formar em Medicina na Itália. Especializou-se em neurologia e trabalhou com crianças com deficiência mental, extraindo dessa experiência os métodos de sua proposta educacional



Fonte: *Wikimedia Commons*²⁰

¹⁹ WIKIMEDIA COMMONS. **Ovide Decroly (1871-1932)**. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ovide_Decroly_\(1871-1932\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ovide_Decroly_(1871-1932).jpg). Acesso em: 8 dez. 2018.

²⁰ WIKIMEDIA COMMONS. **Maria Montessori (1913)**. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Maria_Montessori1913.jpg. Acesso em: 8 dez. 2018.

Em uma visão geral de sua pedagogia, podemos dizer que a individualidade, atividade e liberdade do educando constituem as bases de sua teoria, que enfatizava ser, o indivíduo, sujeito e objeto do ensino. Para ela, a educação transcende os limites do acúmulo de informações, permeia a formação integral do aluno e o prepara para a vida. Em seus estudos, *Maria Montessori* afirma que cada criança, cada aluno, cada ser humano possui seu lugar no mundo, onde pode desenvolver um trabalho gratificante, contribuir para a paz e, principalmente, trabalhar seu interior, desenvolvendo sua capacidade de amar. Tal grupo de indivíduos independentes, criativos, devotos ao respeito pela natureza e pelos semelhantes, só poderia conduzir a uma comunidade pacífica, comprometida com o real desenvolvimento coletivo e, ainda mais importante, comprometida com o desenvolvimento interior de cada um. Isto nos remete ao que *Rudolf Steiner* (2003) defendia, em seu princípio de educação, que o ser humano é entendido como um microcosmo, onde vibram e pulsam todos os processos do universo. Dessa forma, o desenvolvimento, na criança, das bases para um pensamento claro, preciso, isento de preconceitos e dogmas, deve levá-la à liberdade, conquistando a igualdade (o que descarta a necessidade de inclusão) por meio do estímulo aos sentimentos autênticos, não massificados, que desenvolvam o respeito aos demais e aos direitos e obrigações de cada um e de todos.

Figura 21 – *Rudolf Steiner* (1861-1925) estudou ciências naturais e matemática, mas também se aprofundou em temas político-sociais, literatura e filosofia. Dedicou-se a publicar trabalhos filosóficos sobre a questão espiritual do homem. É o criador da Pedagogia Waldorf



Fonte: *Wikimedia Commons*²¹

Para esses pensadores do trabalho educacional, a sociedade só pode desenvolver-se de forma sadia se, ao responder adequadamente às solicitações de sua época, levar em conta as dimensões essenciais do ser humano. Mas não é isso que ocorre na prática. O que realmente se vê em educação, área que deveria propor a inclusão social por excelência, é um responder a um padrão de aceitação social que exige, cada vez mais, uma permanência prolongada nas escolas, que passam a ser “fábricas de ensino”, a fornecer um atestado de adesão a algum código de semelhança

²¹ WIKIMEDIA COMMONS. Pausoak2018. **Rudolf Steiner**. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rudolf_Steiner_.jpg. Acesso em: 8 dez. 2018.

aceitável, vedando ao educando a compreensão de si mesmo como um processo total de alargamento progressivo das fronteiras humanas. É uma educação que nos oferece, de forma sutil e insistente uma fuga de nós mesmos. As escolas fabricam um tipo de ser humano padronizado, que busca segurança, *status* (simbólico ou real) e conforto, com um mínimo de reflexão. Esta é uma das origens do analfabetismo funcional.

A biblioterapia admite a possibilidade de a literatura pacificar as emoções. Ao auxiliar o indivíduo a entender melhor suas reações psicológicas e físicas, a leitura terapêutica favorece a diminuição do conflito interno, pois o leitor melhora sua autoestima ao perceber que seu problema já foi vivido por outros. A leitura, assim como transforma um indivíduo, transforma também uma sociedade. Com a autoestima elevada, o indivíduo está mais apto ao caminho da integração, buscando se comunicar, aprender e a ser protagonista da própria história.

Cidadania, em uma perspectiva contemporânea, não se refere apenas aos deveres, mas a um processo em constante construção, no qual estão previstos os conhecimentos e a obtenção de todos os direitos de uma só vez, ou seja, os fundamentais: políticos, civis, sociais, econômicos, culturais e ambientais. O direito de expressão é limitado quando esbarra na falta de educação mínima para a manifestação das próprias ideias.

A leitura, por excelência, permite que o indivíduo amplie seus conhecimentos e, conseqüentemente, se sinta parte integrante (e não excluída) da sociedade a que pertence. O trabalho com a leitura necessita, nesse caso, ser um trabalho dirigido à integração dos cidadãos na sociedade, de forma que sejam participantes ativos na própria cultura.

Já vimos os benefícios terapêuticos da leitura no tratamento, reabilitação e reinserção do indivíduo na sociedade. E sabemos que o ato de ler também traz os conhecimentos necessários para a aquisição da cidadania tanto no que se refere à autoestima quanto no que se refere à participação produtiva e ativa na sociedade. Com os pensadores da educação integral (*Rousseau, Montessori, Decroly, Steiner*, entre outros), compreendemos que o que leva ao prazer pela leitura e ao desejo de conhecimento é o interesse individual, que deve ser percebido e incentivado pelos educadores. Ao invés de se oferecer qualquer leitura, é necessário que se conheça primeiro o leitor, o que o motiva, o que lhe toca o coração, o que o faz sorrir e até o que o faz chorar. Encontrar os livros adequados para que esse leitor se abra ao processo de aprendizagem da leitura, em uma crescente e contínua dedicação ao ato de ler, é o caminho para a inclusão sociocultural que promove a cidadania.

A educação está além da instrução, sendo um processo para toda a vida. A leitura é a base desse processo, transformando-se em um instrumento de conquista concreta da cidadania. Ao se promover e fortalecer o acesso à leitura, assim como o debate e a reflexão, em espaços educacionais como as bibliotecas e as salas de aula, conseguimos o fortalecimento da democracia participativa, com ações de mobilização para o exercício da cidadania.



4.5 O ACESSO À INFORMAÇÃO E À LEITURA: O FAZER BIBLIOTECÔNOMICO E A PROMOÇÃO DA INCLUSÃO SOCIAL

Todas as considerações feitas até agora levam a uma única premissa: a de que uma sociedade mais igualitária passa, definitivamente, pela democratização da leitura. Mas um questionamento se faz constante: como tratar questões sobre as aplicações da leitura para uma população que não lê? E, nesse caso, considere-se a definição de não leitor tanto para a ausência de habilidades e competências para a decodificação de signos linguísticos quanto para a ausência de habilidades e competências para interpretação e dialogicidade com o texto. *Carneiro* (2003) refere-se a isso como a protuberante **distância abissal** entre aqueles que são incluídos e os que são excluídos dos benefícios que a educação pode proporcionar.

Há na nossa sociedade um fosso que é ao mesmo tempo social, econômico, cultural e educacional. De um lado está uma massa de aliados do acesso ao emprego e à renda, do contato e da fruição dos bens culturais e da escola, relegados [...] ao rádio e à televisão, únicos benefícios de entretenimento e informação que lhes restam. Do lado oposto, uma minoria com acesso, em maior ou menor escala, ao reconhecimento social (ou pelo menos à cidadania) com muito ou médio poder de compra e empregabilidade, com acesso aos bens culturais privados e com um maior nível de escolarização, conjunto que vai lhe conferir a distinção de classe média ou classe alta. (CARNEIRO, 2003, p. 132).

Há muito a educação preconiza a leitura como a arma mais poderosa na construção de um igualitarismo social, que promoveria uma diminuição das desigualdades. Pressupõe-se, assim, que um alto nível de contato com a leitura – e, por conseguinte, a prática da leitura – promoveria o enriquecimento particular e social do cidadão. Esse conceito tem como base a concepção de que, em uma sociedade excludente como a brasileira, o enriquecimento cultural ainda representa uma das únicas formas de ascensão social das camadas menos favorecidas. Vimos, até aqui, o quanto a leitura promove acesso à cultura, cidadania, herança histórica e a todos os elementos humanizadores que fazem parte da condição humana.

Figura 22 – Uma sociedade mais igualitária passa, definitivamente, pela democratização da leitura



Fonte: *PXhere*²²

Entretanto, conquanto não haja dúvidas sobre a importância da leitura para a inclusão e para a cidadania, como democratizá-la em uma sociedade tão desigual quanto nossa? Ademais, alguns autores (PERROTTI, 1990; RIBEIRO, 2001) pedem que se observe com atenção o que consideram uma **visão salvacionista** da leitura.

Os estudiosos da temática, recorrendo a pesquisas históricas, etnográficas e psicológicas mais rigorosas, passaram a chamar a atenção para o fato de que a aprendizagem ou a disseminação da linguagem escrita, por si só, não promovem mudanças nas pessoas ou nas sociedades, que as implicações psicossociais da alfabetização e dos usos da leitura e da escrita dependem sempre dos contextos nos quais se realizam, dos objetivos práticos a que respondem, aos valores e significados ideológicos aí envolvidos. (RIBEIRO, 2001, p. 286).

O hábito de leitura não ocorre sem o contato frequente com o material literário, prescinde da formação de gosto, da diversidade de textos oferecidos ao leitor. As ações socioculturais de promoção à leitura, por sua vez, devem considerar todas as práticas que envolvem a formação do leitor, como a alfabetização, o letramento, o gosto pela leitura e ainda o acesso à cultura escrita.

Para *Carneiro* (2003, p. 133-134), a leitura:

[...] só terá funcionalidade se conseguir transferir para o leitor todos os sentidos que um texto encerra, todo o cabedal de intenções, todas as ingerências que ocorrem sobre a produção do texto, todas as cores, todos os sons, todas as tipologias, toda a seleção lexical e as intencionalidades que as regem, enfim, toda a malha de produção de sentido que um texto, qualquer texto difundido na sociedade de massa, traz imbricada nele e que, muitas vezes, o leitor só percebe com muito esforço analítico e muito treino. (CARNEIRO, 2003, p. 133-134).

²² PXHERE. Disponível em: <https://pxhere.com/en/photo/751393>. Acesso em: 8 dez. 2018.

Entender a leitura e a escrita como assuntos relevantes para as políticas públicas remete ao reconhecimento de que ambas possuem um valor significativo no que tange aos processos sociais e podem ser convertidas em ferramentas para o aprofundamento da democracia, assim como da participação social (OLIVEIRA, 2011).

Figura 23 – Uma vez que informação e conhecimento caminham juntos, toda fonte de informação gera inclusão social e prática da cidadania



Fonte: *Wikimedia Commons*²³

A escola sempre foi entendida como o espaço por excelência da formação de leitores. Entretanto, nas últimas décadas, a insuficiente qualidade da educação básica permitiu que o incentivo à leitura encontrasse outros caminhos e outros lugares, atendendo a um público mais abrangente. Isso promoveu, também, a criação de políticas públicas de leitura para outros espaços que não a escola.

Se a alfabetização era, por bons motivos, um aprendizado escolar, a leitura é um aprendizado social, da mesma natureza que o aprendizado da comunicação oral. Com a leitura será como na fala; se o aprendizado se realizar através das práticas familiares e sociais, então e somente então, a escola poderá cumprir um papel fundamental de ajuda e de redução das desigualdades. (FOUCAMBERT, 1994, p. 116)

Para *Jean Foucambert* (1994), pesquisador francês e especialista em leitura, a formação de leitores deve ser permanente, e não apenas dentro da escola. A função de promover a leitura deve ser assumida por todas as instâncias educativas, como: associações de bairro, bibliotecas, empresas e meios de comunicação. É importante ressaltar que a informação pode ser encontrada em qualquer lugar, desde que lhe sejam atribuídos significados.

²³ WIKIMEDIA COMMONS. U.S. Navy photo by Mass Communication Specialist 3rd Class Jonathan P. Idle. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:US_Navy_090326-N-95521-052_Djiboutian_students_read_newly_delivered_educational_books_delivered_by_the_Marine_9th_Provisional_Security_Force_\(9th_PSF\),_stationed_in_St._Paul,_Minn.,_in_Nagad,_Djibouti.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:US_Navy_090326-N-95521-052_Djiboutian_students_read_newly_delivered_educational_books_delivered_by_the_Marine_9th_Provisional_Security_Force_(9th_PSF),_stationed_in_St._Paul,_Minn.,_in_Nagad,_Djibouti.jpg). Acesso em: 8 dez. 2018.

No fazer biblioteconômico, a informação assume o papel principal do processo de transmissão do conhecimento, de quem a detém para quem deseja adquiri-la. A exclusão social que, segundo *Amaral* (2003), percorre todos os aspectos da vida brasileira – ou seja, exclusão de renda, emprego, saúde, cidadania – acaba promovendo, de forma ainda mais perversa, a exclusão da informação. Uma vez que informação e conhecimento caminham juntos, toda fonte de informação gera inclusão social e prática da cidadania.

O trabalho com leitura acrescenta um papel aos muitos que a biblioteca já possui na atual sociedade. Por ser um espaço gratuito de disseminação da informação, promover ações socioculturais é parte da sua essência.

Figura 24 – É pela leitura que o homem incorpora as competências necessárias para a sobrevivência social



Fonte: Flickr²⁴

Segundo *Freitas* (2010, p. 11), a Unesco define que os serviços da biblioteca devem ser oferecidos com base na igualdade de acesso para todos, sem distinção de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua ou condição social. Essa a definição de inclusão por excelência, que, mediada por trabalhos de incentivo ao hábito da leitura, promove o acesso à informação para um número cada vez maior de usuários. É pela leitura que o homem incorpora as competências necessárias para a sobrevivência social, e as bibliotecas desempenham um papel fundamental na possibilidade de amenizar a exclusão social provocada pela falta de acesso à informação.

Ações de incentivo à leitura, enquanto integração e inclusão social e cultural, sejam elas para crianças, jovens, adultos ou idosos, fomentam a busca de compreensão e reflexão de cada um, seja para si ou para o coletivo, constituem-se em um impulso para a liberdade do pensamento, possibilitando o desencadear de reflexões e o desenvolvimento de ações para melhoria da cidadania e para o desenvolvimento do ser humano.

²⁴ FLICKR. Hugo Martins. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/hugomartinsoliveira/9701722658/>. Acesso em: 8. dez. 2018.



4.5.1 Atividade

1. Leia com atenção as alternativas e escolha a que de fato representa as afirmações ligadas aos pensadores da educação, citados na Unidade 3:

Para os pensadores do trabalho educacional, como *Rousseau*, *Decroly* e *Maria Montessori*, a sociedade só se desenvolve saudavelmente se, ao responder de forma apropriada às solicitações de sua época, levar em consideração as dimensões sociais do ser humano. Mas, na verdade, o que observamos na educação é uma outra realidade: a padronização e a ausência de reflexão. De que forma a biblioterapia pode socorrer esse ser humano?

- a) () Levando-o a questionar o sistema em que está inserido, desafiando a escola a alterar, de forma eficaz, o processo ensino-aprendizagem e inserindo a leitura de obras críticas.
- b) () Ajudando-o a se tornar mais autônomo e capaz de conduzir seu próprio processo de aprendizagem; ensinando-o a fazer boas escolhas e incentivando-o a ler obras ligadas à sua realidade.
- c) () Auxiliando-o, por meio da leitura, a ampliar seus conhecimentos, a perceber-se como protagonista de sua própria história, a sentir-se parte importante da sociedade, reconhecendo-se como cidadão.
- d) () Proporcionando-lhe mais tempo de leitura dentro da escola, verdadeira **fábrica de ensino**, pois assim se sentirá inserido socialmente e mais protegido.
- e) () Oferecendo-lhe a oportunidade de se assemelhar a outros, levando-o à aceitação de um padrão preestabelecido pelo sistema educacional e possibilitando-lhe um atestado de adesão a algum código de semelhança aceitável socialmente.

2. Relacione as colunas, complementando CORRETAMENTE as informações enunciadas:

- a) A leitura “[...] só terá funcionalidade se conseguir transferir para o leitor todos os sentidos que um texto encerra, todo o cabedal de intenções, todas as ingerências que ocorrem sobre a produção do texto [...] toda a malha de produção de sentido que um texto, qualquer texto, difundido na sociedade de massa, traz imbricada nele e que, muitas vezes, o leitor só percebe com muito esforço analítico [...]” (CARNEIRO, 2003, p. 133-134).
- 1. () Isso ocorre porque informação e conhecimento caminham juntos. Pela leitura, o homem incorpora as competências necessárias para a sobrevivência social e, por ser um espaço gratuito de disseminação da informação, promover ações socioculturais é parte da essência da biblioteca.

- b) A exclusão social percorre todos os aspectos da vida brasileira, culminando com a exclusão da informação, pois toda fonte de informação gera inclusão social e prática da cidadania.
- c) A biblioterapia admite a possibilidade de a literatura pacificar as emoções. Ao auxiliar o indivíduo a entender melhor suas reações psicológicas e físicas, a leitura terapêutica favorece a diminuição do conflito interno.
- d) Para *Maria Montessori*, a educação transcende os limites do acúmulo de informações, permeia a formação íntegra do aluno e o prepara para a vida.
- e) A educação é o elemento fundamental para adaptação às modificações da sociedade e do próprio homem.
2. () Se os conceitos que conhecemos se modificam continuamente, como pode a educação preparar para a vida?
3. () Isso ocorre porque o leitor melhora sua autoestima ao perceber que seu problema já foi vivido por outros, uma vez que a narrativa transmite diferentes experiências pessoais, assim como experiências de um povo, uma comunidade ou uma cultura.
4. () Esse trecho da obra de *Carneiro* (2003) confirma o conceito de que a literatura atua de maneira profunda e essencial na formatação e divulgação dos valores culturais de uma sociedade ou civilização, pois ela permite entender a história da humanidade de todos os indivíduos e permite a cada um encontrar sua identidade cultural.
5. () Nessa mesma linha de pensamento, *Decroly* entende que a criança se prepara para a vida pelo interesse que as coisas do mundo nela despertam. O interesse leva ao conhecimento. Cabe aos educadores, auxiliar as crianças a organizar esse conhecimento.

Resposta comentada

1.

- a) Esta alternativa está **INCORRETA**. Todo cidadão deve questionar o sistema e exigir melhor qualidade do ensino realizado no país, mas esta não é a forma como o biblioterapeuta poderá auxiliar o indivíduo.
- b) Esta alternativa está **INCORRETA**, porque embora o biblioterapeuta vá orientar as leituras que possam auxiliar o indivíduo em seu processo de aprendizagem, seu trabalho de



orientação não substitui a educação formal, especialmente a de qualidade.

- c) Esta alternativa está **CORRETA**. O biblioterapeuta pode, por meio das leituras indicadas, auxiliar o indivíduo a ampliar seus conhecimentos, a perceber-se como cidadão e, a partir daí, a entender-se como protagonista de sua própria história.
- d) Esta alternativa está **INCORRETA**. A escola, enquanto **fábrica de ensino**, apenas permite ao indivíduo padronizar-se dentro do que é aceitável socialmente, mas isso não lhe garante o conhecimento sobre si mesmo nem a conquista de sua própria história.
- e) Esta alternativa está **INCORRETA**. O objetivo de uma educação transformadora é exatamente a não conformidade com um padrão preestabelecido pelo sistema educacional. Por meio das leituras adequadas, o biblioterapeuta fará justamente o contrário, levando o indivíduo a reconhecer-se como sujeito e não objeto.

2.

1. (b); 2. (e); 3. (c); 4. (a); 5. (d).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARROS, J. **Igualdade e diferença**: construções históricas e imaginárias em torno da desigualdade humana. Petrópolis: Vozes, 2016.

CALDIN, C. F. **Biblioterapia**: um cuidado com o ser. São Paulo: Porto de Ideias, 2010.

CARNEIRO, H. M. S. Leitura e inclusão social. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 1/2, n. 25, p. 132-135, jan./dez. 2003.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: EdUnesp, 1998.

COELHO, N. N. **Literatura, arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

COVRE, M. de L. M. **O que é cidadania?** São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos.)

DERTOUZOS, M. L. **O que será?** Como o novo mundo da informação transformará nossas vidas. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão.** Porto Alegre: Artmed, 1994.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1997.

MANACORDA, M. A. **História da educação:** da Antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 2010.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

OAKNIN, M. **Biblioterapia.** São Paulo: Loyola, 1996.

SILVA, E. T.da S. **O ato de ler:** fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. **A formação da leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1998.



Sugestão de Leitura

ABREU, M.; SCHAPOCHNIK, N. **Cultura letrada no Brasil.** São Paulo: EdUnesp, 2006.

ALVES, M. H. H. A Aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 34-61, jan./jun. 1982.

AMARAL, R. **Ciência e tecnologia:** desenvolvimento e inclusão social. Brasília: Unesco; Ministério da Ciência e Tecnologia, 2003.

BAKHTIN, M. **A estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski.** 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BARBOSA, C. G.; MONTEIRO, T. S. **Comunicação e cidadania:** conceitos e processos. São Paulo: Nacional, 2011.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In:* BENJAMIN, W. **Obras escolhidas:** magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1993.



BONETI, L. W. (coord.) **Educação, exclusão e cidadania**. 3. ed. Joinville: Unijui, 2003.

BORDINI, M. da G.; AGUIAR, V. T. **Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CALVINO, I. **Assunto encerrado discurso sobre literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CAMPBELL, J. **As máscaras de Deus**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

CARDOSO, M. R. R. M. (org.) **Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação**. São Paulo: EdUnesp, 2010.

CARNEIRO, H. M. S. Leitura e inclusão social. **Revista de Letras**, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, v. 1/2, n. 25, p. 132-135, jan./dez. 2003.

CERTEAU, M. de. **A escrita da História**. São Paulo: Forense Universitária, 2011.

CHARTIER, A.; HEBRARD, J. **Discursos sobre a leitura: 1880-1980**. São Paulo: Ática, 1995.

CHARTIER, R. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: EdUnesp, 2004.

COLOMER, T. **A formação do leitor literário**. São Paulo: Global, 2003.

CREMA, R. **Introdução à visão holística: breve relato de viagem do velho ao novo paradigma**. São Paulo: Summus, 1989.

DAHLKE, R. **A doença como símbolo**. São Paulo: Cultrix, 2000.

DARNTON, R. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DECROLY, O. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 2005. (Coleção Os pensadores.)

DEMO, P. **Política social, educação e cidadania**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 1996.

FERGUSON, M. **A conspiração aquariana**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

FERRARO, A. R. **História inacabada do analfabetismo no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2009.

FISCHER, S. R. **História da escrita**. São Paulo: EdUnesp, 2009.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. 8. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2012.

FREITAS, M. A. **A biblioteca pública como agente de inclusão social**: um estudo de caso da Biblioteca Demonstrativa de Brasília. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010. 132 f.

GERALDI, J. W. **A leitura na sala de aula**: as muitas faces de um leitor. São Paulo: FDE, 1988. (Série Ideias n. 5.)

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GRIMAL, P. **Dicionário da mitologia grega e romana**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

GUSDORF, G. **A fala**. Porto: Edições Despertar, 1970.

HIGOUNET, C. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola, 2003.

JUNG, C. G. **Memórias, sonhos e reflexões**. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 1998.

JUNG, C. G. **Símbolos da transformação**. Petrópolis: Vozes, 1996.

KOCH, I. G. V. **A Inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1995.

LUCIEN, F. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Unesp, 1992.

MACHADO, A. M. **Texturas: sobre leituras e escritos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MANN, T. **Ensaios**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MARCINKO, S. Biblioterapypratical Applications with Disabled Individuals. **Current Studies in Librarianship**, v.13, n.1, p. 1-5, Spring/Fall. 1989.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.



MELLA, F. A. **Dos sumérios a Babel – a Mesopotâmia**: história, civilização e cultura. São Paulo: Hemus, 2004.

NEVES, J. S.; LIMA, M. J.; BORGES, V. **Práticas de promoção da leitura nos países da OCDE**. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação, 2007. Disponível em: http://www.oei.es/fomentolectura/Leitura_Paises_OCDE.pdf. Acesso em: 10 jul. 2015.

NUNES, M. V.; OLIVEIRA, C. T. F. **Cidadania e cultura digital**. São Paulo: e-Papers, 2011.

OLIVEIRA, D. P. W de. **Políticas públicas de fomento à leitura**: agenda governamental, política nacional e práticas locais. 2011. Dissertação (Mestrado em Administração Pública e Governo) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2011. 146 f.

ORSINI, M. S. O uso da literatura para fins terapêuticos: biblioterapia. **Comunicações e Artes**, n. 11, p. 145-149, 1982.

PEREIRA, M. M. G. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa: Ed. Universitária, 1996.

PERROTI, E. **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo: Summus, 1990.

PROPP, V. **As raízes históricas dos contos maravilhosos**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RIBEIRO, V. M. Questões em torno da construção de indicadores de analfabetismo e letramento. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 283-300, jul./dez. 2001.

ROMANELLI, O. de O. **História da educação no Brasil**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

ROSSI, T. **Aplicação da biblioterapia em idosos da sociedade espírita obreiros da vida eterna**. Disponível em: www.acbsc.org.br/revista/index.php/racb/article/view/505/650. Acesso em: 28 jan. 2016.

ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou Da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SEARLE, J. **Consciência e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SEITZ, E. M. **Biblioterapia**: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. São Paulo: Habitus, 2006.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2013.

STEINER, R. **A arte da educação**. 5. ed. São Paulo: Antroposófica, 1996.

SILVA, M. V. da. **História da alfabetização no Brasil**. Campinas: EdUnicamp, 2015.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Rio de Janeiro: Artmed, 2003.

SOARES, M. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1989.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2013.

STEINER, R. **A arte da educação**. São Paulo: Antroposófica, 2003.

STEINER, R. **A educação da criança**. São Paulo: Antroposófica, 1996.

TEIXEIRA, P. R. N. **O papel da contação de histórias como biblioterapia**: a experiência do projeto "Histórias na creche" do núcleo da Hora do Conto – Fabrico/UFRG, na creche da instituição Amigo Germano, em Porto Alegre – RS. Porto Alegre: UFRGS/FABRICO/DCI, 2004.

TRINDADE, M. de N. **Literacia – teoria e prática**: orientações metodológicas. São Paulo: Cortez, 2002.

YUNES, E. Dados para uma história da leitura e da escrita. *In*: YUNES, E. (org.). **Pensar a leitura**: complexidades. São Paulo: Loyola, 2002, p. 52-59.

ZILBERMAN, R.; ROSING, T. M. K. **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.





Faculdade de Administração
e Ciências Contábeis
Departamento
de Biblioteconomia



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85229-74-0



9 788585 229740

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85229-66-5



9 788585 229665